



**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

**AS CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
E A COMPETÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO
HUMANO**



**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

**AS CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
E A COMPETÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO
HUMANO**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-38-6

DOI 10.22533/at.ed.386200903

1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book as “*Ciências Sociais Aplicadas e a Competência do Desenvolvimento Humano*” através de 2 volumes em que estão dispostos 51 artigos.

No primeiro volume estão disponíveis 29 artigos divididos em duas seções. A primeira seção ***Estado e Políticas Públicas*** apresenta artigos com temas relacionados às funções e formas de atuação do Estado diante das previsões legais e demandas voltadas para o atendimento a situações de vulnerabilidade e risco sociais expressas através dos conflitos e desigualdades que permeiam a sociedade contemporânea, o que vem sendo materializado através das diversas políticas públicas implementadas.

São contemplados também no primeiro volume através da seção ***Desenvolvimento Local Sustentável*** a relação com a política agroambiental, agricultura familiar, questões de gênero e aspectos culturais.

O segundo volume do e-book contempla 22 artigos organizados através de três seções, sendo: ***Política Econômica e Gestão Financeira***, em que são apresentados estudos principalmente relacionados a questão contábil e gestão financeira em âmbito familiar, no entanto, não deixa de apontar a relação com a política econômica, o que é tratado de forma mais ampliada através do primeiro artigo da seção voltado para o estudo do pagamento da dívida externa brasileira entre o deficit e o superavit.

Os artigos que se relacionam com a ***Cultura Organizacional*** contemplam estudos voltados para a compreensão e análise das características do mercado brasileiro, desafios e potencialidades expressas através da presença da inovação tecnológica, desenvolvimento de competências gerenciais, processos de comunicação e capital intelectual.

O e-book é encerrado com a seção ***Ensino e Pesquisa***, em que são apresentados oito artigos que abordam metodologias de pesquisa e de ensino e o uso de métodos e referenciais teóricos que contribuem para os processos de formação e desenvolvimento da ciência no Brasil.

Boa leitura a todos!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS

CAPÍTULO 1 1

A ESTABILIDADE NO SERVIÇO PÚBLICO BRASILEIRO: PROTEÇÃO DA BUROCRACIA OU DOS BUROCRATAS?

Kamila Pagel de Oliveira
Gabriel Maggi Vieira
Luana de Castro Lopes
Mariana Marcatto do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.3862009031

CAPÍTULO 2 26

A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA ELETRÔNICO DE INFORMAÇÕES NO CENTRO DE SERVIÇOS COMPARTILHADOS DA SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO DE MINAS GERAIS

Izabelle Maria Santos Cária
Marconi Martins de Laia

DOI 10.22533/at.ed.3862009032

CAPÍTULO 3 39

A REDE DE ATENDIMENTO ÀS FAMÍLIAS E INDIVÍDUOS: COORDENAÇÃO E COOPERAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Sidiane dos Santos Alvaristo
Tiago Luiz Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3862009033

CAPÍTULO 4 46

CUSTO NO SETOR PÚBLICO: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTO 2011 A 2015

Luciene de Souza Borges
Ricardo Neves Borges

DOI 10.22533/at.ed.3862009034

CAPÍTULO 5 59

VULNERABILIDADES E DESAFIOS DAS PESSOAS QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE RUA EM RONDON DO PARÁ

Ingrid Gomes Bassi
Mateus Paixão Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.3862009035

CAPÍTULO 6 63

O IMPACTO DO FEMINICÍDIO EM GRUPOS ÉTNICOS NO BRASIL

Joelmara Furtado dos Santos Pereira
Evandro Costa Pereira
Janaína Arruda Aragão
Samara Letícia Mendonça Pereira
Franco Celso da Silva Gomes
Luzinete Pontes Brandão
Loysianne Nascimento Araújo Lopes
Givaldo de Jesus Pinheiro Lopes
Rafaela Duailibe Soares

Francisca Bruna Arruda Aragão
DOI 10.22533/at.ed.3862009036

CAPÍTULO 7 72

REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA, MASCULINIDADE E RACISMO

Wilma Lucia Rodrigues Pessoa
Nivia Valença Barros

DOI 10.22533/at.ed.3862009037

CAPÍTULO 8 86

OS AVANÇOS NAS DISCUSSÕES SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO E SUA INFLUÊNCIA NOS CONCEITOS ATUAIS

Thânia Mara Kaminski Jacon
Paola Andressa Scortegagna

DOI 10.22533/at.ed.3862009038

CAPÍTULO 9 100

PERSPECTIVA MIGRACIONAL NO PARADOXO ENTRE A MOBILIDADE TRANSNACIONAL E A REPRESSÃO PELA SECURITIZAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA

Marinês Ivanowski Kochi

DOI 10.22533/at.ed.3862009039

CAPÍTULO 10 113

PRÁTICAS COMUNS DE BARGANHA: A GUERRA FISCAL ENTRE UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Edilene Mayumi Murashita Takenaka
Alan Edimilson da Silva

DOI 10.22533/at.ed.38620090310

CAPÍTULO 11 123

PROCESSO DE DESCENTRALIZAÇÃO NA GESTÃO DA ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA NA SAÚDE PÚBLICA

Gabriela Perusatto Llano
Nelson José Thesing
Patrícia Luiza Schuh
Dieter Siedenberg
Sérgio Luís Allebrandt

DOI 10.22533/at.ed.38620090311

CAPÍTULO 12 138

REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA GESTÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Lucas Braga da Silva
Lucivania Pereira Gloria

DOI 10.22533/at.ed.38620090312

CAPÍTULO 13 147

SEGURANÇA ALIMENTAR: O DESENVOLVIMENTO ORÇAMENTÁRIO DE UMA POLÍTICA FUNDAMENTAL PARA SOCIEDADE

Eliane Vieira Lacerda Almeida
Fabiana Aldaci Lanke
Milton Leonardo Jardim de Souza
Eduardo Garcia Ribeiro Lopes Domingues

DOI 10.22533/at.ed.38620090313

CAPÍTULO 14	160
DO DEVER DE CUIDAR DA PROLE E A POSSIBILIDADE DE INDENIZAÇÃO POR DANO MORAL PROVENIENTE DO ABANDONO AFETIVO DO GENITOR	
Vanuza Pires da Costa Leila Rufino Barcelos Márcia Denise dos Santos Lamas Dalmaso Dhenize Maria Franco Dias Danilo Bezerra de Castro Bruno Vinícius Nascimento Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.38620090314	
CAPÍTULO 15	172
LICITAÇÕES PÚBLICAS SUSTENTÁVEIS COMO INSTRUMENTO DO DESENVOLVIMENTO NACIONAL SUSTENTÁVEL COM O ADVENTO DA LEI 12.349 DE 15.12.2010	
Maíra Bogo Bruno Candida Dettenborn Rômulo de Moraes e Oliveira Raphael Lemes Elias Alessandro de Paula Canedo Aloisio Alencar Bolwerk	
DOI 10.22533/at.ed.38620090315	
CAPÍTULO 16	181
LA CONTAMINACIÓN DEL AIRE EN EL MUNICIPIO DE MEDELLÍN Y EL PRINCIPIO DE PREVENCIÓN COMO MEDIDA DE PROTECCIÓN ADMINISTRATIVA EN MATERIA DE SUSTENTABILIDAD	
Gustavo Andrés Cano Cadavid	
DOI 10.22533/at.ed.38620090316	
CAPÍTULO 17	194
SENTENÇAS SUBVERSIVAS: A PRESERVAÇÃO DO ESTADO DE DIREITO NO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL BRASILEIRO	
Tarcísio Germano de Lemos Filho	
DOI 10.22533/at.ed.38620090317	
CAPÍTULO 18	215
LICENÇA SOCIAL PARA OPERAR NO SETOR DE MINERAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CASO SAMARCO	
Juliana Campos Lopes Jacques Demajorovic	
DOI 10.22533/at.ed.38620090318	
CAPÍTULO 19	228
GOBERNANZA EN LOS ESTADOS CONSTITUCIONALES: ESTADO DE COSAS INCONSTITUCIONAL COMO HERRAMIENTA PARA EL ALCANCE DE LOS OBJETIVOS QUE PERSIGUE LA GOBERNANZA	
Fernando Arcila Castellanos	
DOI 10.22533/at.ed.38620090319	
CAPÍTULO 20	239
ANÁLISE DE AGRUPAMENTO OBTIDOS COM A RELAÇÃO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO	

Mácio Augusto de Albuquerque

Ramylla de Almeida Batista

DOI 10.22533/at.ed.38620090320

CAPÍTULO 21 260

O BOM DÉSPOTA E O BONAPARTISMO – O GOVERNO E A POLÍTICA COMO REPRESENTAÇÃO DO TEATRO DA ERA ELIZABETANA

Mateus Santos Borges

Maurício Rosendo Leandro dos Santos

Vanderlei Souza Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.38620090321

CAPÍTULO 22 271

FINANCIAMENTO DE CAMPANHAS ELEITORAIS E DESEMPENHO ELEITORAL NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2008-2012: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DA ESCOLHA PÚBLICA

Fábio Marcelus Silva de Almeida

Lindomar Pinto da Silva

Miguel Angel Rivera Castro

Denise Ribeiro de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.38620090322

CAPÍTULO 23 293

A IMPARCIALIDADE DO JUIZ FRENTE ÀS REDES SOCIAIS E A ARGUIÇÃO DE SUSPEIÇÃO DO MAGISTRADO

Maíra Bogo Bruno

Vanuza Pires da Costa

Leila Rufino Barcelos

Mateus Bezerra de Castro

Candida Dettenborn

Rômulo de Moraes e Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.38620090323

DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL

CAPÍTULO 24 302

A POLÍTICA AGROAMBIENTAL E O PROJETO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL OSVALDO DE OLIVEIRA (RJ)

Paulo Brasil Dill Soares

Andreza Aparecida Franco Câmara

DOI 10.22533/at.ed.38620090324

CAPÍTULO 25 316

AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE TUCURUÍ - PA: UMA PERSPECTIVA PRELIMINAR CONSIDERANDO INFRAESTRUTURA, TECNOLOGIA E EMPREENDEDORISMO

Dorivaldo Rosa França

Terlys de Araújo Silva

Lilian Coelho de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.38620090325

CAPÍTULO 26 322

O ARTESANATO COMO ELEMENTO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL: UM ESTUDO EM

MUNICÍPIOS DE MINAS GERAIS

Thiago de Sousa Santos

Raquel da Silva Pereira

DOI 10.22533/at.ed.38620090326

CAPÍTULO 27 328

UM ESTUDO SOBRE COOPERATIVISMO, ADMINISTRAÇÃO, GOVERNANÇA COOPERATIVA E DESENVOLVIMENTO: DESAFIOS E PRIORIDADES PARA A SUSTENTABILIDADE FUTURA

Pedro Luís Büttenbender

Ariosto Sparemberger

Matheus Nonnemacher Büttenbender

Bruno Nonnemacher Büttenbender

Giovana Fernandes Writzl

Alceu Van Der Sand

DOI 10.22533/at.ed.38620090327

CAPÍTULO 28 346

DESAFIOS DA PESQUISA DE GÊNERO NA PESCA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A GESTÃO DE AMPs: UM ESTUDO DE CASO EM UMA COMUNIDADE DO SUL DO BRASIL

Giovanna Carla Barreto

Isabeli Cristina Gomes Mesquita

Tainah Maria de Souza Lunge

Melina Chiba Galvão

DOI 10.22533/at.ed.38620090328

CAPÍTULO 29 359

O MAPIKO DE MOÇAMBIQUE: DIÁLOGO ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Mariana Conde Rhormens Lopes

DOI 10.22533/at.ed.38620090329

SOBRE A ORGANIZADORA..... 369

ÍNDICE REMISSIVO 370

OS AVANÇOS NAS DISCUSSÕES SOBRE VELHICE E ENVELHECIMENTO E SUA INFLUÊNCIA NOS CONCEITOS ATUAIS

Data de aceite: 20/02/2020

Data da submissão: 02/01/2020

Thânia Mara Kaminski Jacon

GEJAI/UEPG

Ponta Grossa – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/4128419733383169>

Paola Andressa Scortegagna

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Ponta Grossa – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/9018949836350823>

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar o contexto histórico e a evolução das reflexões que permeiam os conceitos atuais de velhice e envelhecimento, uma vez que a longevidade é uma realidade presente em todo o mundo. Com o número de idosos crescente a cada dia, se faz necessário compreender como a sociedade atual construiu tais conceitos e, a partir deles, refletir sobre questões importantes para atender as necessidades dessa população, como políticas públicas, educação, saúde, lazer e previdência social, por exemplo. Por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema, foi possível verificar que a velhice e o envelhecimento foram vislumbrados de

maneiras diferentes, de acordo com a cultura e o momento histórico: o idoso foi percebido como detentor de conhecimentos e merecedor de respeito até como um indivíduo digno apenas de piedade. Hoje, na cultura ocidental, envelhecer possui méritos mas também preocupação diante de questões sociais que acabam muitas vezes levando o idoso a ser entendido como um problema na sociedade. Desta maneira, entender tais processos é fundamental para transformar pré-conceitos em atitudes viáveis para reorganizar a sociedade atendendo as necessidades reais dos idosos.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice. Envelhecimento. Educação.

ADVANCES IN OLD AGE AND AGING DISCUSSIONS AND THEIR INFLUENCE ON CURRENT CONCEPTS

ABSTRACT: This article aims to present the historical context and the evolution of the reflections that permeate the current concepts of old age and aging, since longevity is a present reality all over the world. With the growing number of older people every day, it is necessary to understand how current society has built such concepts and, from them, reflect on important issues to meet the needs of this

population, such as public policies, education, health, leisure and social security, for example. Through a literature review on the subject, it was possible to verify that old age and aging were glimpsed in different ways, according to the culture and the historical moment: the elderly were perceived as having knowledge and deserving respect even as a person. an individual worthy of pity only. Today, in Western culture, aging has merits but also concern with social issues that often lead the elderly to be understood as a problem in society. Thus, understanding such processes is fundamental to transform preconceptions into viable attitudes to reorganize society, meeting the real needs of the elderly.

KEYWORDS: Old age. Aging. Education.

1 | INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento humano vem ganhando destaque ao longo dos anos, especialmente nas discussões acadêmicas que visam aperfeiçoar conceitos que interferem diretamente em questões que envolvem, por exemplo, saúde, política e educação. De antemão, é importante salientar que a chegada da velhice é um momento importante na vida do sujeito assim como as fases anteriores, conforme concepções estruturadas ao longo da história. Hoje, o aumento da expectativa de vida da população e, conseqüentemente, de seu envelhecimento, culmina num alerta para novas discussões que envolvem a velhice e que conduz a importância das políticas educacionais destinadas aos idosos.

2 | A EVOLUÇÃO DE CONCEITOS RELACIONADOS A VELHICE E AO ENVELHECIMENTO

O processo de envelhecimento se faz presente na vida de todos os sujeitos, mesmo que esses não tomem consciência ou optem por não refletir sobre ele. A resistência em pensar e falar sobre o envelhecer remete a forma que esse processo é interpretado pelo ser humano, geralmente envolto por dúvidas e medos.

O fato de que o envelhecimento ocorre desde a concepção até a morte implica em constantes mudanças que envolvem diferentes aspectos da vida: mudanças no organismo, nas relações sociais e os aspectos psicológicos. Essas mudanças reduzem muitas das capacidades que o indivíduo adquire durante a vida mas não o tornam incapazes - exceto em situações patológicas (SCORTEGAGNA, 2010).

Para Medeiros (2003) a vida é um entrelaçamento de tempos (passado, presente e futuro) e não pode se reduzir a meras sucessões de eventos. E é através desses “tempos” que as pessoas se transformam e se aperfeiçoam pois são as

vivências e os conhecimentos experimentados que as tornam mais completas. Seguindo essa ideia, a velhice é a etapa da vida na qual se tem a possibilidade de agregar mais conhecimentos e experiências.

Já Skinner e Vaughan (1985) comparam a velhice com o planejamento para morar em outro país, destacando a importância de se preparar com antecedência para tal mudança, a fim de aproveitá-la o máximo possível. Para Fonseca (2006) a vida diária é fundamental no processo de envelhecimento. Os caminhos percorridos no decorrer da vida são determinantes na construção da velhice. Tanto Paschoal (2005) quanto Oliveira (1999) reforçam que a velhice é uma fase natural do desenvolvimento humano e precisa ser encarada como tal.

O crescimento no número de idosos em todo o mundo é um acontecimento que tem instigado muitos pesquisadores, nas mais diferentes áreas, a debaterem os desafios, as possibilidades e as transformações que cercam essa parcela da população. Afinal, dos 590 milhões de idosos estimados no final do século passado para a previsão de 2 bilhões em 2050, há claramente um salto significativo (FREITAS, 2004).

Diante de toda essa demanda torna-se imprescindível pensar sobre o envelhecimento e as questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, além de possibilitar que os idosos mantenham sua cidadania e participação efetiva na comunidade na qual ele envelhece (BERTI, 2004).

Desta maneira, observa-se na literatura, na história e nos trabalhos científicos a evolução dos conceitos de envelhecimento e velhice alicerçados no contexto social vivenciado.

De acordo com Barreto (1992, p. 23) a velhice, que era ridicularizada no século XVIII, passou a ser sinônimo de sabedoria no século XIX, disfarçá-la fisicamente ou psicologicamente foi comum no século XX, no qual a pressão social para negar a velhice foi muito grande.

Um dos fatores que alimenta os preconceitos que envolvem a velhice e o envelhecimento é a ausência de conceitos que definam claramente esses termos.

A história e a cultura de cada povo possuem grande influência sobre os atuais conceitos atribuídos ao envelhecimento e a velhice, que podem oscilar entre o respeito e preconceito pelos saberes que acompanham a idade bem como a imagem de alguém que nada mais tem a contribuir com a sociedade.

Ao referenciar a Antiguidade, é preciso voltar-se às contribuições orientais associando a escrita e o aparecimento do próprio Estado. As contribuições dos egípcios, mesopotâmios, hindus, chineses e hebreus trouxeram consigo a cultura do povo e suas concepções.

Cada povo tinha sua cultura e sua maneira de entender a educação e seu relacionamento com os idosos. No antigo Egito, cerca de 3000 a.C., diante de um

Estado centralizador e teocrático, a obediência foi uma característica muito presente nesse ensino autoritário. Ainda sem uma institucionalização da escola, havia grande valor nos ensinamentos trazidos pelos mais velhos. Além disso, cabia aos filhos o cuidado aos idosos da família pois para eles “viver 100 anos era considerado o prêmio de uma vida equilibrada e virtuosa” (LEME, 1996, p.14).

O fundador do Taoísmo, Lao-Tsé ou Lao-Tzy (604-531 a.C.), entendia que a velhice é um momento supremo e afirmava que aos 60 anos o ser humano atinge o período de libertar-se do corpo através do êxtase de se tornar um santo. Além disso “a vida nada mais é do que o ser humano que atua espontaneamente como centro do mundo” (LAO-TZY, 1999, p. 23). A valorização do acúmulo de conhecimento durante a vida seria de grande relevância na construção dos saberes futuros. Por entender essa relação entre o velho e a sabedoria, no chinês antigo, a mesma palavra era usada para designar esses dois conceitos (PAULA, 2016).

Já Confúcio (551-479 a.C.) priorizava a ética nas relações pessoais e políticas. A valorização da família e o respeito aos pais baseiam o Confucionismo. A autoridade do patriarca também se destaca mesmo com o avanço da idade. A mulher, de subordinada durante a juventude, passa a receber maior valorização inclusive sobre os homens mais jovens.

Confúcio acreditava que a autoridade da velhice é justificada pela aquisição da sabedoria, pregando que aos 60 anos o ser humano compreende, sem necessidade de refletir, tudo o que ouve; ao completar 70 anos, pode seguir os desejos do seu coração sem transgredir regra nenhuma, e que a sua maior ambição era que os idosos pudessem viver em paz e, principalmente, que os mais jovens amassem esses seres (SANTOS, 2001, p.91).

Na Grécia Antiga, na qual se destaca Atenas e Esparta, o corpo jovem é cultuado e valorizado: força e beleza, associadas a juventude cercam o ideal grego. No que se refere a velhice, o declínio da beleza física é motivo de pavor pois a perda dos prazeres proporcionados por meio dos sentidos é a principal causa desse receio. Um grande exemplo é Títon, personagem de destaque nesse período, a quem a velhice causava pânico, preferindo “morrer a envelhecer” ou Minermo, sacerdote em Colofos, que detestava a velhice mas exaltava a juventude e o amor (SANTOS, 2001, p. 92).

Havia pensadores a quem o envelhecimento impulsionava outros sentimentos: para Homero, a velhice estava ligada a sabedoria; para Sólon, a sabedoria adquirida com o passar do tempo representava muito mais que os prazeres do corpo. Sócrates (469-399 a.C.) refere-se ao envelhecimento mencionando a necessidade de o indivíduo preparar-se para ele, com prudência e desde cedo, para que ele não seja sinônimo de peso na vida.

Para Platão (427-347 a.C.) a velhice traz consigo um sentimento de paz e libertação. Também destacou na obra “Leis” a obrigação que os filhos têm para

com seus pais e avós idosos. A visão de Platão sobre a velhice se assemelha ao pensamento de Confúcio.

Na obra “A República”, Platão narra a conversa entre Sócrates e Céfalo, pai de Polemarco, que está envelhecido. Sócrates compara a velhice com uma estrada que todos deverão trilhar e o questiona sobre essa etapa da vida, se a estrada “mostrasse acidentada e dura aos pés ou fácil e agradável” de se caminhar (PLATÃO, 2014, p. 35).

Para Aristóteles (384-322 a.C.), uma velhice boa implicava na ausência de enfermidades. Além disso, sua visão de velhice era mais melancólica: os idosos seriam seres lentos, desconfiados, apegados ao passado e de pensamentos negativos. Para ele, o ser humano evolui até os 50 anos e, depois dessa idade, precisaria ser afastado de funções de destaque, uma vez que não seriam mais dignos de confiança.

A obra “Saber envelhecer”, de Cícero (106-43 a.C.) retrata a conversa entre Catão – já idoso – Lélcio e Cipião, ambos maravilhados com sua capacidade de suportar a velhice. Em várias passagens Catão reforça que a velhice é temida mas que deveria ser bem vivida como todas as fases anteriores da vida.

Pensando bem, vejo quatro razões possíveis para acharem a velhice detestável. 1) Ela nos afastaria da vida ativa. 2) ela enfraqueceria nosso corpo. 3) Ela nos privaria dos melhores prazeres. 4) Ela nos aproximaria da morte (CÍCERO, 2009, p. 16).

Na Antiguidade é possível perceber a relação entre o envelhecimento e a sabedoria, uma vez que o entendimento de que o conhecimento é adquirido com o passar do tempo e assim, com o avanço da idade cronológica, justifica-se a grande valorização dos conhecimentos que as pessoas mais velhas adquirem. A cultura de cada povo possui uma influência significativa no tecer dessas formas de relações. Na Idade Média, a relação entre o conhecimento e a sabedoria permaneceu presente nas reflexões de muitos pensadores mas agora com um novo enfoque: a fé. Assim, ser sábio não era sinônimo de conhecimento mas sim de crer, especialmente na salvação após a morte, pois toda sabedoria estava nos ensinamentos bíblicos (PAULA, 2016).

A influência da Igreja Católica transformou a organização social, especialmente no que se refere a grande valorização dos mais jovens diante dos mais idosos. Na Alta Idade Média, os jovens detinham o poder sendo inclusive papas e servindo a aristocracia. Enquanto a juventude era cultuada e muito valorizada, os velhos pareciam ser invisíveis aos olhos da sociedade (BEAUVOIR, 2012).

Logo, ao se considerar o papel dos jovens e dos velhos,

su situación, desde el extremo superior al inferior de la escala social, era pues, extremadamente desfavorecida. Tanto entre los nobles como entre los campesinos, primaba la fuerza física; no había lugar para los débiles. La juventude

constituía uma classe de idade sumamente importante. Los jóvenes hacían un aprendizaje y pasaban por una iniciación: el joven noble tenía que velar las armas para ser caballero; los jóvenes campesinos eran sometidos a pruebas en el curso de ceremonias campestres: por ejemplo, saltar por encima de los fuegos de San Juan. La clase de los viejos, como tal, no existía (BEAUVOIR, 2012, p. 162).

Nessa situação o velho se encontra desfavorecido, independente da classe social a qual pertencesse. Hobsbawm (2018) destaca a estrutura feudal que prevalecia na Europa e que dividia a sociedade basicamente em três classes: os senhores feudais, o clero e os vassallos.

Sobre as pessoas de idade avançada neste período,

[...] el siglo XVII fue muy duro con los viejos. La sociedad era autoritaria, absolutista. Los adultos que la regían no concedían lugar a los individuos que no pertenecieran a la misma categoría que ellos: viejos y niños. El promedio de vida era de 20 a 25 años. La mitad de los niños moría antes del año; la mayoría de los adultos entre 30 y 40. La decadencia era rápida a causa de la dureza del trabajo, la subalimentación, la mala higiene. Las campesinas de 30 años eran viejas arrudagas y encogidas. Incluso los reyes, los nobles, los burgueses morían entre los 48 y los 56 años (BEAUVOIR, 2012, p. 209).

A Idade Média se finda com a expansão do comércio e com a influência da burguesia. A partir desse momento novas perspectivas surgem na ciência, na literatura e também na educação (ARANHA, 2006). O olhar sobre o idoso, o envelhecimento e a velhice também passam por outras modificações.

A Idade Moderna, marcada pelo avanço industrial e pela Revolução Francesa (1789), passa a exigir mais a força de trabalho, ou seja, necessita que os indivíduos possam se dedicar ao trabalho nas fábricas. Nesse contexto, os idosos perdem ainda mais espaço na sociedade, pois as limitações físicas se tornam um fator agravante diante de menor força produtiva.

Por outro lado, no período do início da Idade Moderna, a arte começou a ser retratada por grandes artistas por meio do enfoque nos idosos. Foi o caso do autorretrato de Leonardo da Vinci (que o fez aos sessenta anos), de Ticiano (que o fez aos noventa anos) ou de Michelangelo, que trabalhou até os oitenta e quatro anos. Ainda que com toda influência de cidadãos de destaque, os idosos mantiveram pouca expressão no cenário social.

Diante desse contexto “na sociedade industrial a velhice é maléfica, porque nela todo sentimento é de continuidade destruído” (BOSI, 1994, p. 21). Enquanto a criança era vista como o futuro e o jovem ganhava maior espaço e valorização, o idoso passou a ter seu espaço ainda mais minimizado, principalmente nas classes mais baixas.

Mesmo a velhice sendo encarada como uma doença e a necessidade de evitá-la, aspectos como a longevidade e cuidados com a saúde ganharam maior destaque. Então “com o predomínio do racionalismo nos modos de se pensar a vida e a saúde, Descartes introduziu a metáfora do corpo como uma máquina, e

a velhice representaria, então, o desgaste de suas engrenagens” (DEZAN, 2015, p.28).

Também contribuiu nesse período com o aumento da longevidade, o avanço das condições de higiene em toda Europa. Até então raros, os homens passaram a chegar aos 80 anos – ainda que fosse uma característica tipicamente das classes privilegiadas (BEAUVOIR, 2012).

A sociedade que se constituiu até o fim da Idade Moderna passou a exigir maior agilidade no trabalho, apresentou um sistema de produção claramente capitalista e tornou a concorrência entre as pessoas cada vez mais desleal. A necessidade de adaptação ao meio social excluiu não só as crianças (já que elas não eram “úteis” a esse novo formato) mas também aos idosos e pelos mesmos motivos.

Avisão de velhice, vista muitas vezes pelas civilizações antigas como empecilhos para a realização pessoal devido as suas características físicas (virilidade e beleza, por exemplo) é desmistificada por trabalhos científicos como o de Benjamin Franklin (1745 – 1813), pioneiro em afirmar que o envelhecimento não é uma doença, logo ele não mata os sujeitos, uma vez que essa função é sim das doenças (AZEVEDO, 2001).

As epidemias do século XV, como o suor inglês que iniciou em Londres mas atingiu vários países europeus, atingiram os jovens de maneira devastadora, fato que contribuiu com o crescimento do número de idosos na Idade Média; o século XVI redefiniu algumas perspectivas em relação aos grupos sociais com a valorização do jovem e, conseqüentemente, a própria velhice que não era motivo de orgulho (BEAUVOIR, 2012).

O século XVII enfatiza a visão de que a idade avançada é um problema social e exclui o idoso das decisões coletivas. Já no século XVIII o termo velho era usado como uma referência ao indivíduo mais velho, de maneira geral e sem o tom pejorativo; no século XIX, na França, surgem termos que diferenciam pessoas de mais idade de acordo com o status social: velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) para aqueles de baixa condição social e idosos (*personne âgée*) para aqueles de maior representatividade social. Já no século XX, também na França, passa a ser utilizado o termo terceira idade, especificamente para jovens aposentados, como uma maneira respeitosa de se referir aos mais velhos (PEIXOTO, 2007).

Ao se ver frente a dicotomia entre viver mais e ser considerado útil, o idoso passa a duvidar de suas capacidades de realização e passa a se entender como um peso para a sociedade (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2011).

Quando a sociedade impõe padrões de comportamento para a velhice, que são reafirmados constantemente pelos discursos midiáticos ou até mesmo familiares, o idoso entende que precisa ou aceitar tais estereótipos ou se colocar contrário a eles. Muitas dessas concepções se respaldam no fato de que a velhice é vista como

a “época de declínio físico e mental” (OLIVEIRA, 2002, p. 38).

Essas concepções pré-estabelecidas pela sociedade sobre a velhice interferem diretamente na forma de pensar essa fase da vida e também sobre como acontecem as relações entre os próprios indivíduos. Ao aceitar-se como um indivíduo limitado, o idoso deixa de realizar atividades que o tornam mais felizes e realizados.

Segundo Oliveira (1999), exceto em casos que envolvam patologias, num processo de envelhecimento “normal” os aspectos cognitivos do indivíduo permanecem relativamente estáveis por toda vida, fato que justifica o equívoco da associação entre envelhecimento e limitações intelectuais.

3 | ENVELHECER NO SÉCULO XXI

O processo de envelhecimento ocorre diariamente, é contínuo e está relacionado ao processo biológico de deterioração progressiva da saúde. Mas esse processo gradativo não representa inutilidade nem impossibilidade de realizar atividades cotidianas, por exemplo. São transformações que ocorrem no organismo e que sugerem a necessidade de adaptações nas ações realizadas (FURTADO, 1997; CAMARANO; PASINATO, 2008; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2011).

A certeza de que se envelhece a cada dia é um fato consolidado diante das questões biológicas, por mais que não se pense sobre isso, assim como convivemos com a morte e não nos agrada pensar sobre ela. Certamente o temor pelo desconhecido e pela própria morte é um dos fatores de reforça a repulsa por pensar e discutir sobre o envelhecimento.

O processo natural do envelhecimento não deve ser considerado como um aspecto ascético do desenvolvimento humano, tantas vezes associado ao pessimismo, mas sim considerando que se trata de uma etapa com o declínio de algumas capacidades do indivíduo, como a agilidade e a facilidade de executar algumas atividades de exijam maior rigor físico (SCORTEGAGNA, 2010).

Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2011) apontam que ao se abordar o tema envelhecimento e velhice, há três grandes blocos com teorias que buscam explicá-los: as teorias biológicas, as sociológicas e as psicológicas. As teorias biológicas consideram o envelhecimento associado a mudanças físicas ou biológicas; as teorias sociológicas amparam-se nas relações entre contexto sócio-cultural e comportamento dos idosos e as teorias psicológicas, nas mudanças psicológicas que ocorrem no indivíduo com o passar dos anos.

Já Moragas (2010) destaca que o envelhecimento depende também de outros fatores, como políticos, ideológicos, emocionais, sociais, genéticos, entre outros, além de reafirmar a necessidade de repensar se a terceira idade inicia-se,

de fato, aos 60 anos.

Diante das diferentes definições para envelhecimento, a preocupação em manter uma aparência jovial faz parte da sociedade, como uma tentativa de aceitação social. Desta forma “ou morremos jovens ou envelhecemos, as duas possibilidades desagradáveis. A verdade é que poucos entendem de velhice de forma holística, existindo uma tendência para uma abordagem focal” (SÉGUIN, 2001, p. 7).

As inúmeras transformações físicas, psicológicas e sociais que o processo de envelhecimento traz consigo apontam mudanças no cotidiano do idoso. Essas mudanças interferem nas relações sociais e influenciam também no processo de aprendizagem do sujeito. Ainda que essas capacidades diminuam com o passar do tempo elas não deixam de existir (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015, p. 86).

A busca pelo entendimento acerca do envelhecimento, suas necessidades e peculiaridades são fundamentais para que ele se perceba um ser único mas pertencente a um todo, ao coletivo. Nesse sentido

A velhice é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta consequências psicológicas: determinadas condutas, que são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. A velhice é o que acontece aos seres humanos que ficam *velhos*; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito (BEAUVOIR apud MACEDO, 2013, p. 21).

Não há um consenso sobre a definição de velhice mas sim a compreensão de inúmeros fatores que a compõe. Para Santos, Lopes e Teixeira (2009, p. 265) “viver e envelhecer são dois lados da mesma moeda: para viver é preciso envelhecer, para envelhecer se necessita viver”. Berlink (1996), opta por utilizar a expressão “processo de envelhecimento” ao invés de “velhice”, sugerindo ainda o termo “envelhescência” devido aos anseios diante do desconhecido e a associação com a proximidade da morte (o termo é utilizado numa alusão a adolescência). Para Salgado (1980, p. 29) “a velhice é entendida como uma etapa da vida na qual, em decorrência da alta idade cronológica, ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio”.

Ao refletir sobre a relação entre a velhice e o meio social, especificamente diante das novas limitações que os idosos sofrem em decorrência da idade avançada, emergem os aspectos negativos que permeiam o envelhecimento e, desta forma, as práticas segregadoras passam a fazer parte do cotidiano dos idosos. Das práticas sociais discriminativas nasce uma sociedade na qual os idosos se tornam mais vulneráveis ao desemprego, baixos salários, condições de sobrevivência precária, privação de direitos assegurados pela Constituição Federal, como o direito à saúde,

moradia, segurança e educação (NERI, 2014).

O idoso é entendido como um “problema social” especialmente no que se refere a situação previdenciária. Bosi (1994) aponta que a velhice precisa ser pensada além de si própria, que ela precisa ser pensada em âmbito social. As atuais discussões sobre possíveis reformas nesse sistema reforçam tal visão, assim

[...] as contrarreformas na previdência social são seguidas de interpretações subliminares que concebem os velhos como ameaça permanente ao sistema produtivo e não como seres humanos que precisam de cuidados após dedicação exclusiva ao trabalho assalariado (NETO, 2013, p. 232).

Neste contexto, o idoso é visto como o grande responsável pela situação decadente do sistema previdenciário. Todas as demais ações que influenciam constantemente essa situação são ignoradas (como utilização indevida do fundo, apropriação indevida das riquezas produzidas pelo cidadão) e cabe apenas ao idoso tal culpabilidade (COSTA, 2015).

Além da questão previdenciária, a saúde do idoso exige maior atenção, cuidados e, conseqüentemente, gera maior custo para a máquina governamental. A precariedade do sistema de saúde, especialmente na prevenção de doenças, coloca o idoso numa situação delicada e o torna dependente dessas ações.

Se, por um lado, os idosos apresentam maior carga de doenças e incapacidades e usam mais os serviços de saúde, por outro, os modelos vigentes de atenção à saúde do idoso se mostram ineficientes e de alto custo, reclamando estruturas criativas e inovadoras. [...] Essa política deve, portanto, ter como objetivo maior a manutenção da máxima capacidade funcional do indivíduo que envelhece, pelo maior tempo possível (CALDAS; VERAS, 2012, p. 71),

As situações cotidianas nas quais o idoso pode refletir sobre seu papel na sociedade podem levá-lo a questionar a necessidade da sua presença neste meio, uma vez que fatores como a extrema valorização do jovem o desfavorece. Desta forma Bosi (1994, p. 79), afirma que “[...] o velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem.” Os estímulos que o idoso recebe no meio social em que está inserido são determinantes para que ele tenha uma reação favorável ou não frente a essa sociedade (MORAGAS, 2010).

Entre as formas de preconceitos que decaem sobre o idoso e o processo de envelhecimento, aqueles conceituados como negativos são os que levam a refletir sobre o conceito de “velho”: as expressões “velho muito conservado” ou “velho de espírito jovem” trazem consigo uma forte referência de que ser jovem é uma grande vantagem e ser conservado é um elogio (BARRETO, 1992, p. 24).

Pela ausência de consenso na definição de velhice, nas últimas décadas muitos termos têm sido empregados para se referir a esses sujeitos: “idosos, terceira idade, melhor idade, seniores, idade maior, idade prateada ou dourada, velhos, etc.” (JESUINO, 2012, p. 62).

O uso de terminologias que agradem aos sujeitos é muito pessoal e peculiar: muitos idosos podem se sentir ofendidos e até mesmo excluídos quando um jovem, por exemplo, dependendo da maneira, contexto e entonação com a qual o termo “velho” é utilizado, faz menção a fase da vida em que ele se encontra. Nesses momentos a segregação social se torna mais forte e evidente, caracterizando situações de preconceito negativo.

Por envolver questões físicas, psicológicas e sociais, as mudanças decorrentes do processo de envelhecimento englobam uma variedade de áreas de estudo e também de intervenção. Nesse sentido destacam-se a Geriatria e a Gerontologia Social. O termo gerontologia vem do grego *geron* + *logia* (estudo do idoso ou da velhice) e foi usado pela primeira vez em 1903 por Metchnicoff. Já o termo geriatria, que significa tratamento clínico da velhice surgiu em 1909, pelo médico Nascher (NERI, 2014). Pode-se perceber que, mesmo com a busca antiga de se compreender o envelhecimento e tudo o que o cerca, ainda são recentes o uso desses termos e essa forma de interpretar tal fenômeno.

No Brasil, a Geriatria e a Gerontologia enfrentam situações delicadas de preconceitos especialmente pela falta de conhecimento da população em geral, incluindo profissionais das mais diferentes áreas e que podem auxiliar nos estudos e práticas envolvendo os idosos.

Para ultrapassar tantos pré-conceitos a Gerontologia Social refere-se a preconceitos e estereótipos negativos em relação à velhice, reportando-se especialmente às políticas e práticas sociais discriminativas ou até paternalistas que são direcionadas aos idosos: as inúmeras privações sociais, infantilizações e tolhimento da autonomia são alguns exemplos (DOMINGUES; QUEIROZ, 2000, p.8).

Quando há um membro idoso na família, pode-se ocorrer a postura superprotetora numa tentativa de suprir as necessidades desse idoso e compensar eventuais dificuldades que ele apresente, tanto em relação à saúde quanto nas relações sociais. Entretanto, tais atitudes acabam por diminuir a autonomia e valorizam a dependência do idoso e não necessariamente são ações meticulosamente pensadas no sentido de impossibilitarem o idoso de realizar atividades que ele tem capacidade de executar.

Um ponto fundamental nesse processo é a necessidade de educar as gerações para conviverem e interagirem com os idosos, compreenderem suas limitações e valorizarem seu potencial. As questões sociais que envolvem o envelhecimento podem ser aperfeiçoadas (quicá superadas) quando o entendimento da velhice for conhecido e aceito. Os desafios são grandes mas não impossíveis de serem vencidos.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M.L. de A. **História da Educação e da Pedagogia: geral e do Brasil**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- AZEVEDO, A.L. **Velhice e seus processos sócio-históricos**. Lisboa: Argumento, 2001.
- BARRETO, M.L. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 1992.
- BEAUVOIR, S. **La vejez**. Buenos Aires: Debolsillo, 2012.
- BERLINCK, M. T. A envelhescência. In: **Boletim de novidades pulsional**. São Paulo: ano IX, n. 91, p. 5-8, nov. 1996.
- BERTI, K.M. Educação para o envelhecimento: um projeto intergeracional desenvolvido por idosos com crianças e adolescentes nas escolas de Porto Alegre. In: PY, L. et.al. (Org). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. p. 243-264.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDAS, C.P. VERAS, R.P. Saúde do idoso: a necessária abordagem multidimensional. In: TURA, L.F.R. SILVA, A.O. (Org.) **Envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2012. p. 69-87.
- CAMARANO, A.A.; PASINATO, M.T. **Envelhecimento funcional e suas implicações para a oferta da força de trabalho brasileira**. Texto para discussão n. 1326. IPEA: Rio de Janeiro, 2008.
- CÍCERO, M.T. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- COSTA, J.C. **Velhice, ideologia e crítica: uma análise sobre a participação, protagonismo e empoderamento dos (as) velhos (as) nos espaços das conferências**. 2015. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2015.
- DEZAN, S.Z. O envelhecimento na contemporaneidade: reflexões sobre o cuidado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 28 – 42, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v14n2/a04.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2018.
- DOMINGUES, M. QUEIROZ, Z.P.V. Atitudes, mitos e estereótipos relacionados ao envelhecimento e sua influência no atendimento domiciliário. In: DUARTE, Y.A.O. DIOGO, M.J.D. **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo, Atheneu, 2000.
- FONSECA, A.M. **O envelhecimento: uma abordagem psicológica**. 2.ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006.
- FREITAS, E.V. de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento, In: PY, L. et.al. (Org). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. p. 19-38.
- FURTADO, E.S. Terceira idade: enfoques múltiplos. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p. 121 – 147, nov. 1997.
- HOBBSAWM, E.J. **A era das revoluções**. 40.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- JESUINO, J.C. Imagens da velhice. In: TURA, L.F.R. SILVA, A.O. (Org.) **Envelhecimento e**

representações sociais. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2012. p. 51-67.

LAO-TZY, T. K. **O livro do sentido da vida.** Tradução de Margit Marticia. São Paulo: Pensamento, 1999.

LEME, L. E. G. A Gerontologia e o problema do envelhecimento: Visão histórica. In: PAPALÉU NETO, M. **Gerontologia.** São Paulo: Atheneu, 1996. p. 12-23.

MACEDO, N.R. **O idoso na contemporaneidade:** expectativas, desafios e contribuições vivenciadas em espaços de aprendizagem. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2013.

MAJEWSKI, C.C. Políticas públicas de promoção e garantia dos direitos dos idosos. In: TERRA, N.L. et.al. (Org.). **Temas sobre envelhecimento ativo.** Porto Alegre: Edipucrs, 2013.

MEDEIROS, S.A.R. Como pensar a vida. **Serviço social & Sociedade**, n. 75, ano XXIV. São Paulo: Cortez, 2003.

MORAGAS, R.M. **Gerontologia social:** envelhecimento e qualidade de vida. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

NERI, A.L. **Palavras-chave em Gerontologia.** Campinas: Editora Alínea, 2014.

NETO, A. B. S. O discurso do envelhecimento da população como ideologia. *Argumentum*, Vitória, v.5, n.2, p. 216-234, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/5067/5074>>. Acesso em: 7 dez. 2018.

OLIVEIRA, R.C.S. SCORTEGAGNA, P.A. OLIVEIRA, F.S. **O envelhecimento e a velhice:** teorias, demografia e política. Curitiba: Editora CRV, 2011.

OLIVEIRA, R.C.S. **Terceira Idade:** do repensar dos limites aos sonhos possíveis. Campinas: Papirus, 1999.

OLIVEIRA, R.C.S. Velhice: teorias, conceitos e preconceitos. **A terceira idade.** São Paulo, v.12, n.25, p. 37-52, ago.2002.

OLIVEIRA, R.C.S. SCORTEGAGNA, P.A. OLIVEIRA, F.S. A Universidade Aberta para a Terceira Idade na UEPG/Brasil: o idoso no contexto extensionista da universidade, In: OLIVEIRA, R.C.S. SCORTEGAGNA, P.A. (Orgs.) **Universidade Aberta para a Terceira Idade:** o idoso como protagonista na extensão universitária. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. p. 85-122.

PASCHOAL, S.M.P. Desafios da longevidade: qualidade de vida. **O mundo da saúde.** São Paulo, ano 29, v.29, n.4, p. 608-612, out./dez. 2005.

PAULA, M.F. de. **Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual.** *Rev. Serv. Soc. Soc.* n. 126 p. 262 – 280, mai/ago. 2016.

PEIXOTO, C.E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, M.M. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 69 – 84.

PLATÃO. **A República.** 2.ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

SALGADO, M.A. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo: SESC-CETI, 1980.

SANTOS, S.S.C. **Envelhecimento:** visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. *Rev. RENE Fortaleza.* V.2 n.1 p. 88-94, jul./dez. 2001.

SANTOS, D. F.; LOPES, R. G. C.; TEIXEIRA, R. R. Coeducação entre gerações na obra O Sorriso Etrusco. In: PARK, M. B.; GROPPPO, L. A. (Org.). **Educação e Velhice**. Holambra: Editora Setembro, 2009, p. 247 - 269.

SCORTEGAGNA, P. A. **Políticas públicas e a educação para a Terceira Idade: contornos, controvérsias e possibilidades**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

SÉGUIN, E. **O idoso aqui e agora**. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Júris, 2001.

SKINNER, B.F. VAUGHAN, M.E. **Viva bem a velhice**: aprendendo a programar a sua vida. 2.ed. São Paulo: Sumus, 1985.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono afetivo 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Administração 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 27, 29, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 49, 52, 56, 57, 113, 117, 122, 134, 143, 145, 154, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 204, 209, 210, 212, 227, 265, 307, 318, 322, 328, 329, 330, 331, 342, 363

Amizade íntima 294, 298, 299, 300

Áreas marinhas protegidas 346, 347, 350, 355

Argumentação 140, 194, 195, 208, 209, 308

Arranjos institucionais 26, 28, 29, 30, 37, 124, 133, 136, 344

Artesanato 322, 323, 324, 326, 327

Assentamento Osvaldo de Oliveira 302, 309

Austeridade fiscal 147, 148, 155

B

Bibliometria 48

Burocracia 1, 2, 3, 8, 10, 13, 14, 18, 21, 22, 24, 25, 70, 131, 265

Burocratas 1, 3, 9, 10, 11, 21, 22

C

Carga tributária 113, 239, 240, 242, 243, 244, 246, 249, 250, 257, 258, 259

Comunicação 28, 32, 33, 36, 39, 44, 59, 60, 62, 65, 108, 112, 123, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 152, 217, 241, 264, 295, 296, 314, 336, 337, 338, 343, 362, 363, 364

Conflitos socioambientais rurais 302, 303

Conservação ambiental 172

Constituição 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 19, 23, 71, 77, 94, 114, 118, 121, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 151, 165, 166, 170, 174, 180, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 214, 232, 237, 241, 259, 274, 296, 297, 300, 303, 305, 310, 332, 334, 344

Contabilidade Pública 46, 47, 48, 49, 50, 57, 58

Contaminación del aire 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 192

Contemporaneidade 97, 98, 359, 360, 367

Controle 10, 20, 23, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 57, 65, 81, 100, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 126, 127, 129, 130, 134, 140, 156, 194, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 213, 225, 264, 279, 280, 281, 282, 286, 291, 309, 327, 337, 345, 347, 363

Cooperativismo 122, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345

Cultura Política 203, 260

Custo no setor público 46, 48, 52, 53, 54, 55, 56

D

Dano moral 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Degradação 11, 172, 179

Deliberação 124, 151

Derechos colectivos 181, 188

Desafios epistemológicos 346, 350

Desempenho eleitoral 271, 273, 275, 278, 279, 280, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292

Desenvolvimento Humano 41, 44, 88, 93, 239, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 255, 256, 257, 258, 288, 328, 331, 340

Desenvolvimento Local 154, 322, 323, 326, 327, 335

Documentos 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 105, 121, 122, 127, 131, 147, 158, 178, 225, 296, 303, 332, 353

E

Educação 41, 42, 54, 55, 70, 86, 87, 88, 91, 95, 97, 98, 99, 122, 136, 137, 146, 154, 155, 163, 164, 222, 239, 240, 244, 247, 257, 258, 283, 288, 322, 332, 333, 336, 337, 338, 341, 342, 343, 345, 349, 366

Envelhecimento 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 124, 136, 369

Estabilidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 28, 31, 115, 195

Estado 2, 3, 7, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 37, 40, 41, 47, 49, 52, 61, 68, 73, 79, 81, 84, 88, 89, 101, 103, 107, 115, 116, 118, 121, 131, 132, 139, 140, 141, 142, 145, 151, 165, 166, 167, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 183, 184, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 216, 219, 222, 224, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 239, 242, 246, 250, 252, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 275, 276, 279, 282, 286, 287, 290, 292, 298, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 310, 311, 313, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 324, 325, 327, 359, 363, 365

Estado-consumidor 172, 173, 175, 179

Estado de Cosas Inconstitucional 228, 229, 234, 235, 236

Estados Constitucionales 228, 229, 230, 231, 236

F

Feminicídio 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72

Financiamento de campanha 271, 273, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 289, 291, 292

Flexibilização 1, 3, 13, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 24

G

Gênero 63, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 79, 80, 82, 83, 151, 265, 280, 282, 286, 287, 292, 335, 346, 347, 348, 349, 350, 352, 354, 355, 356, 357

Geração de renda 113, 114, 116, 117, 120, 222, 240, 257, 323, 330

Gestão de documentos 26, 28, 35
Gestão pesqueira 346, 349, 350, 358
Gestão Social 123, 124, 125, 127, 128, 133, 136, 137
Gobernanza 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236
Gobierno 228, 231, 233, 235, 236
Governo 1, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 32, 33, 39, 40, 65, 115, 116, 117, 121, 133, 134, 139, 140, 147, 151, 156, 157, 173, 175, 179, 180, 198, 199, 225, 231, 242, 243, 244, 247, 248, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 273, 275, 276, 287, 288, 290, 292, 306, 310, 317, 318, 319, 337, 357, 362, 363
Grupos vulneráveis 148, 149, 151
Guerra Fiscal 113, 114, 115, 117, 118, 121, 122

I

IDH 41, 239, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259
Imigração na União Europeia 100
impacto socioambiental 215, 225
Imparcialidade 210, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300
Incentivos fiscais 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 278
Indenização 15, 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169
Iniquidade étnico-racial 63, 64, 70
Interseccionalidade 72, 79, 82

J

Jurisdição 194, 208, 211, 298

L

Legislación 181, 183
Legitimidade 29, 75, 198, 201, 215, 218, 219, 314
Licença Social para Operar 215, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 224, 226, 227
Licitações públicas sustentáveis 172, 176
Limites 7, 15, 43, 98, 108, 194, 196, 211, 217, 225, 231, 274, 361, 362, 366

M

Magaldi 260, 265, 267, 268, 269, 270
Masculinidade 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85
Medio ambiente 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 233
Minas Gerais 1, 26, 27, 30, 32, 33, 37, 38, 167, 170, 219, 220, 251, 256, 322, 323, 324, 325, 327
Mobilidade transnacional 100, 101, 102, 103, 107, 108, 110
Moçambique 359, 360, 361, 362, 363, 368

N

Nutrição 147, 148, 347

P

Políticas Públicas 10, 11, 21, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 60, 62, 63, 65, 68, 70, 80, 86, 98, 99, 121, 122, 123, 124, 126, 136, 137, 139, 140, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 156, 159, 175, 191, 235, 236, 241, 246, 247, 248, 249, 251, 256, 257, 258, 259, 277, 303, 304, 317, 318, 320, 323, 330, 334, 337, 338, 341, 348, 355, 369

Políticas Sociais Efetivas 239

Princípio de prevenção 181, 182, 183, 188, 189

Processos de Participação 124

Projeto de Desenvolvimento Sustentável 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 312

R

Racismo 68, 72, 73, 77, 79, 80, 81, 82, 83

Rede de atendimento 39, 40, 41, 42, 44

Redes Sociais 129, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 300

Reforma agrária 150, 153, 302, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 317

Representação 74, 75, 76, 77, 82, 198, 260, 261, 262, 267, 269, 292, 313, 328, 331, 333, 334, 335, 337, 340, 341, 349, 362, 363

Resíduos sólidos 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 178

Risco 26, 28, 39, 44, 78, 82, 116, 210, 215, 219, 223, 224, 226, 298

S

Securitização da imigração 100, 111

SEI-MG 26, 27

Sistemas de Gestão Eletrônica 26

Software 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38

Suspeição do Juiz 294, 298

Sustentabilidade 138, 146, 148, 175, 176, 178, 179, 191, 193, 215, 216, 217, 220, 223, 224, 225, 226, 231, 237, 305, 306, 320, 328, 329, 330, 331, 335, 337, 338, 340, 341, 342, 343, 347

T

Teatro africano 359, 368

Teatro moçambicano 359, 361, 364, 365, 366

Teoria da Escolha Pública 271, 273, 275, 282, 289, 290, 291, 292

Tradição 195, 202, 210, 269, 326, 327, 359, 360, 361, 366, 367

Tribunal Constitucional 228, 229, 230, 232, 233, 234, 237

V

Velhice 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Violência 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 106, 109, 224, 256, 257, 265, 312, 369

Violência contra a mulher 63, 64, 65, 68, 70, 80, 84

Vulnerabilidade 68, 78, 81, 131, 147, 148, 149, 151, 153, 155, 157, 215, 219, 225, 353

 **Atena**
Editora

2 0 2 0